

Tecnologia a serviço da saúde

O Instituto Nacional de Câncer (INCA) tem investido no desenvolvimento e na consolidação dos Registros Hospitalares de Câncer (RHC) que, agora, contam com a integração de todas as unidades, reforçando a luta contra o câncer e melhorando a qualidade do atendimento em toda a Rede de Atenção Oncológica. A novidade é o novo sistema integrador do RHC, que permite o mapeamento mais detalhado e rápido dos dados do câncer, como a incidência nas diferentes regiões do País. Tudo organizado numa única base de dados, gerenciada pelo Instituto.

O novo sistema foi desenvolvido com software livre. Sua vantagem é proporcionar maior agilidade e eficiência nas ações de controle, prevenção e assistência da Política Nacional de Atenção Oncológica, definidas com base nas taxas de incidência e no perfil da doença. O gerente da Divisão de Informação da Coordenação de Prevenção e Vigilância do INCA, Cláudio Noronha,

explica que, a partir do monitoramento epidemiológico detalhado e centralizado no sistema, oncologistas, patologistas, sanitaristas, gestores e pesquisadores ganham, pelo site do INCA (www.inca.gov.br), fácil acesso às informações fundamentais para definir prioridades, melhorias no atendimento, planejar a aplicação de recursos e formular estratégias de abordagem da doença adequadas ao perfil de cada região.

Segundo Carlos Anselmo Lima, médico responsável pelo RHC do Centro de Oncologia do Hospital João Alves Filho, em Aracaju, o sistema torna-se imprescindível para a qualidade dos serviços e do atendimento. “Todos os casos de câncer diagnosticados no Centro de Oncologia podem agora ser acompanhados e avaliados por profissionais de todo o País. Isso é um grande ganho para a saúde brasileira”, afirma.

As informações vêm de prontuários médicos, de atendimento e de acompanhamento de casos de câncer diagnosticados e tratados em todas as unidades da Rede. Cabe ao hospital transferir as informações de seus pacientes para o INCA, por meio de um sistema integrado semelhante ao empregado pela Receita Federal (Receita Net), para envio e organização das declarações de Imposto de Renda.

Para isso, o INCA fornece treinamento para a formação dos registradores de câncer, além de assistência técnica e manutenção do sistema. Em geral, o serviço é coordenado por um médico oncologista; em alguns casos, pode ser um epidemiologista ou um sanitarista. Para Rosyane Lima, responsável pelo registro no Hospital do Câncer I, do Instituto Nacional de Câncer, no Rio de Janeiro, o sistema é funcional e fácil de operar. “Com o curso de formação oferecido pelo



Cláudio Noronha exibe o RHC: rapidez e eficiência contra o câncer.

Instituto, a adaptação ao programa foi muito tranqüila. Hoje, atualizamos as informações de forma ainda mais rápida, o que facilita o acompanhamento e a análise de cada caso por dirigentes da unidade, além de toda a equipe multidisciplinar envolvida no atendimento”, completa.

Durante o processo de transferência, as informações são criptografadas, o que garante a integridade e confidencialidade dos dados dos pacientes. Depois de enviadas, essas informações são validadas via internet, pelas secretarias estaduais de Saúde, que analisam os registros duplos de pacientes atendidos em mais de uma unidade. Em seguida, os dados são consolidados pelo INCA, que ainda faz uma segunda busca por duplicidade de cadastros, só que desta vez nos casos de pacientes tratados em mais de um estado.

Periodicamente, serão enviadas informações de forma padronizada. Todos os anos, cada instituição deverá registrar, no mínimo, um envio de informações para o RHC Brasil. “Nosso objetivo é mobilizar o maior número possível de profissionais para registrar suas informações de modo contínuo, tornando o sistema cada vez mais rico”, afirma o chefe de Divisão

Informação do INCA, Cláudio Noronha.

Os Registros Hospitalares de Câncer foram instituídos pela Portaria 741/05, da Secretaria de Atenção à Saúde, do Ministério da Saúde, e são hoje obrigatórios em todas as unidades de Atenção em Alta Complexidade do SUS. A primeira experiência do gênero foi implementada pelo INCA ainda em 1983 e só tornou-se uma necessidade em 1999, após a criação dos Centros de Alta Complexidade em Oncologia (Cacons).

A partir daí, deu-se início ao processo de implantação e informatização de todas as unidades, cuja integração só agora tornou-se uma realidade. Atualmente, o RHC já está instalado em 166 das 191 Unidades e Cacons brasileiros, o equivalente a 87%. Só as unidades menores, localizadas em regiões mais isoladas, ainda não operam o sistema. “A meta do INCA é a inclusão de 100% das unidades de assistência oncológica de alta complexidade, cadastradas pelo SUS, até o final do ano”, garante Cláudio Noronha.

A primeira coleta de dados do RHC Brasil deverá ocorrer em setembro deste ano para as unidades já cadastradas. E o primeiro relatório do RHC Brasil deverá ser divulgado logo no início de 2008. ■